

CULTURA & RECREIO

Publicação do Associativismo Feirense

Diretor
Joaquim Tavares

Julho 2017

Edição nº13

Periodicidade
Anual

Distribuição gratuita

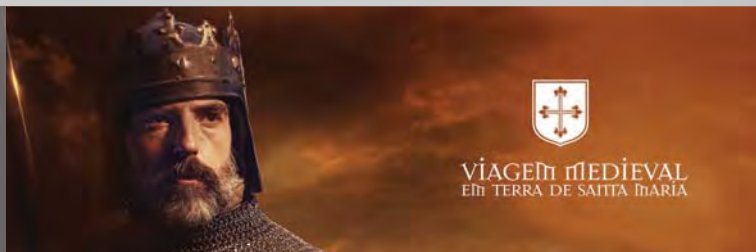
18 NOV'2017

FÓRUM

ASSOCIATIVO

COLETIVIDADES SANTA MARIA DA FEIRA

XXI Edição
da Viagem
Medieval



Índice



Editorial

Joaquim Tavares

Os caminhos associativos levam-nos constantemente à necessidade de refletirmos sobre o nosso posicionamento social em cada uma das nossas comunidades, na componente associativa e na população em geral, de modo a monitorizarmos o nosso papel e as dinâmicas que estão de acordo e em linha com os nossos objetivos e, sobretudo, se correspondem às necessidades locais e se a nossa missão está a ser bem cumprida.

A nossa ação de promover a cultura e a oferta cultural que proporcionamos têm um significado e uma expressão que nos deve orgulhar.

A inserção das pessoas e a dinâmica de desenvolvimento local obtidas através do nosso trabalho ao longo de cada ano, coloca-nos num patamar que nos dá o direito de sermos respeitados, reconhecidos e bem tratados pelos diferentes poderes e de atuarmos sem subserviência e com independência, sempre na afirmação do que somos, do que queremos e do que somos capazes de fazer.

As dinâmicas e ações locais e concelhias que realizamos ao longo do ano, nas diferentes vertentes da nossa cultura, são a expressão das nossas capacidades, da nossa afirmação e do nosso enorme contributo para alavancar e desenvolver a cultura no nosso concelho.

Sem o nosso contributo nada seria igual, por certo. Sem a nossa presença e o nosso trabalho, não se teriam alcançado os mesmos resultados e o território estaria, por ventura, bem mais pobre.

Se todas as actividades que realizamos

são de grande importância local, regional e nacional, a Viagem Medieval (V.M.) é a maior de todas e a mais impactante para o nosso território. É a que mais nos afirma, a que mais nos projeta como território, a que lhe dá mais dimensão, mais protagonismo e mais projeção.

Àqueles que tiveram a lucidez, a coragem e a perceção de que se iria fazer história quando tomaram a iniciativa, que foi o embrião, de um enorme acontecimento que hoje é tão afirmativo do nosso território, aqui deixamos o nosso tributo e o nosso agradecimento.

Eles merecem, por isso, de todos nós, dirigentes e ativistas associativos, o reconhecimento pela sua visão e, sobretudo, pelo seu empenho, para que este projecto tenha a dimensão e a importância que hoje tem, tanto no Concelho como no País.

Compete-nos a nós, atuais dirigentes, sermos dignos do legado e não deixarmos que se perca no fumo do tempo, ou nas vontades de alguns, a referência de quem é quem na V.M., da afirmação do associativismo cultural no processo, da sua identidade na organização e não deixarmos que ofusquem ou diminuam o nosso papel principal neste projeto que é

Nosso, é do movimento associativo cultural de Santa Maria da Feira!

A importância dos processos técnicos Nos Grupos de Folclore

Daniel Calado Café
Presidente FFP

Completam-se, neste ano de 2017, quarenta anos de atividade da Federação do Folclore Português. Este ano será, por isso, um ano de celebração. Mas, mais que um tempo de celebração, deverá ser um período de introspeção sobre, por um lado, o que o movimento folclórico nacional realmente conseguiu avançar no seu entendimento de folclore e, por outro lado, no que o movimento faz, hoje, concretamente, na missão de salvaguarda e divulgação da cultura tradicional e popular.

Na verdade, não foi tarefa fácil, há quatro décadas, edificar uma estrutura nacional congregadora de centenas de associações dispersas por todo o território nacional, detentoras de diferentes sensibilidades e entendimentos sobre matéria de folclore e etnografia. Todavia, a Federação do Folclore Português (através de sucessivas direções, conselhos técnicos regionais e abnegados folcloristas) fez o seu caminho, construiu conhecimento e edificou um organismo coeso que, hoje, se configura como um alicerce sólido sobre o qual os grupos de folclore se poderão apoiar no seu trabalho. Para tal, muito contribuíram os vários

congressos nacionais, colóquios e debates regionais e inúmeras mesas redondas realizadas dispersamente por todo o país ao longo destas quatro décadas, tanto promovidas como patrocinadas pela instituição. No final da década de setenta do século XX havia já algum entendimento bastante claro sobre o papel que os grupos de folclore deveriam desempenhar no quadro da valorização da cultura tradicional e popular. Contudo, esse quadro referencial ainda carecia de desenvolvimento e com o decorrer dos anos, acompanhando a própria evolução conceptual no âmbito da UNESCO, a Federação do Folclore Português foi, também ela, evoluindo e aprofundando as questões em matéria de folclore e etnografia e a sua mais correta interpretação e representação.

Os primeiros anos foram, de facto, decisivos com a orientação dos grupos principalmente para o campo da investigação. Em boa hora tal sucedeu, pois as últimas décadas do século XX configuraram-se como derradeiras oportunidades para salvar, do esquecimento e da irremediável perda, muito do

nosso património (tanto material como imaterial). Grande parte dos grupos de folclore abraçou esta oportunidade e, hoje, constituem-se verdadeiros baluartes defensores da nossa cultura tradicional e popular, da nossa memória coletiva e do nosso precioso património cultural.

Pese embora este valioso trabalho tenha sido realizado, constata-se que parte significativa dos grupos de folclore ainda não possui um processo técnico com o necessário registo e aprofundamento reflexivo que se deseja de tal documento fundamental da nossa ação cultural. É precisamente neste aspeto que incide uma parte substancial da preocupação institucional na atualidade. Urge que os grupos procedam ao registo e sistematização da preciosa informação recolhida no passado pois tudo aquilo que não ficar escrito estará condenado ao desaparecimento mais cedo ou mais tarde. Assim, se numa primeira fase institucional se apelava à investigação de campo e levantamento de dados



culturais, atualmente, insiste-se na sistematização dessa informação, no seu registo e no seu estudo. São sinais dos tempos...

Neste domínio, o movimento folclórico nacional revela-se bastante heterogéneo: enquanto alguns grupos possuem processos técnicos com algumas dezenas de páginas, outros apresentam-se com processos técnicos de algumas dezenas de gigabytes.

O facto é que hoje, mais que nunca, o movimento folclórico nacional encontra-se largamente dotado de um conjunto de aficionados, jovens altamente qualificados e aptos a desenvolver este trabalho. E, assim, neste verdadeiro ciclo evolutivo, vamos todos, em conjunto, dando passos construindo o nosso caminho de consolidação de um movimento bem ciente das suas responsabilidades para com as gerações futuras.

E por que será tanta insistência neste domínio dos processos técnicos?

É, precisamente, através do seu processo técnico que o grupo de folclore demonstra o trabalho desenvolvido, evidenciando as especificidades do lugar, o

tempo em representação, as singularidades de cada comunidade assim como as semelhanças entre comunidades, refletindo sensibilidades, particularidades das gentes do nosso país e da nossa cultura nacional. Obter um conjunto alargado de dados respeitantes a estes aspetos é traçar um quadro caracterizador da nossa nação enquanto país de cultura própria e distinta das demais. Mas mais que isto, é prestar um verdadeiro serviço público a favor das gerações vindouras para que as suas/nossas matrizes identitárias perdurem até eles, para que se semeie paz e concórdia entre os povos através da tolerância e aceitação pluricultural entre as nações. Por outro lado, o processo técnico facilita o trabalho dos futuros dirigentes e componentes dos grupos de folclore indicando as fontes de onde foi rebuscada toda a informação trabalhada pelo grupo. Indicará as razões pelas quais se veste de determinada forma, se canta e baila de determinado modo e todo um conjunto de orientações que prestarão auxílio precioso na confeção de trajes, na reconstituição de quadros etnográficos, entre muitos

outros aspetos. Ainda, o registo de vivências e sensibilidades das nossas gentes facilitará a conceção de novas tipologias de espetáculos que ainda estão por descobrir e surgirão com toda a certeza de acordo com a evolução do nosso próprio entendimento social e cultural. Mas tal apenas será possível se este trabalho de registo e aprofundamento estiver salvaguardado.

Olhemos para um espetáculo de folclore atual e questionemos: onde estavam os trajes de crianças há quarenta anos? Onde se reproduziam quadros etnográficos integrados nos espetáculos de folclore? Quantos grupos tinham as saias com o comprimento correto? Quantos grupos apresentavam tocatas diversificadas com recurso a instrumentos mais tradicionais? Quantos grupos apresentavam trajes e figuras das mais diversas artes e ofícios? Quantos grupos possuíam uma mostra diversificada dos trajes comunitários ao invés de uma indumentária uniformizada? Fizemos muito caminho... de facto. Mas muito mais há a percorrer, seguramente... Haja, para tal, o sentido de missão, de responsabilidade e de vontade

para ir um pouquinho mais além, a bem das novas gerações e da perpetuação da nossa cultura tradicional e popular. De facto, os grupos federados do município de Santa Maria da Feira têm sabido fazer bem o seu trabalho e constituem, hoje, verdadeiros embaixadores da nossa cultura tradicional e popular. Estão, por isso, de

parabéns! Não obstante, os restantes grupos de folclore não federados do concelho terão, igualmente, todo o apoio da Federação do Folclore Português caso queiram enveredar por um caminho de maior representatividade das nossas verdadeiras tradições populares. As portas da Federação estão

abertas e os seus responsáveis e colaboradores recetivos às solicitações. Sejam, todos, capazes de construir um movimento folclórico nacional mais integrado, integrador, dialogante e inclusivo onde todos têm o seu lugar na nossa missão partilhada de promoção da nossa matriz identitária.



Teatro

Breves Considerações

Manuel Ramos Costa

1. A palavra «teatro» é muito rica em diferentes significações, podendo referir-se ao edifício onde habitualmente ocorrem os espetáculos, ao conjunto de ingredientes para levar a efeito o ato teatral, ao fingimento, às ações repetidas da vida quotidiana ou à atividade de representação. Interessa-nos para este propósito o teatro como arte – a arte de representar.

2. O teatro é tão antigo quanto antigo é o Homem. Faz parte do seu espírito lúdico e da sua indómita vontade de «ser outro».

Os nossos primitivos procuravam responder ao inexplicável, recorrendo a ritos de magia, nos quais reproduziam cenas de caçadas ou de guerras, em perfeita comunhão coletiva. Ou como refere Augusto Boal, «Em toda a parte, no começo, o teatro era uma festa popular, cantada e dançada a céu aberto.» Esta forma de expressão era vivenciada profundamente por todos os elementos da comunidade, com uma entrega física e espiritual, em que as

personagens faziam determinados sacrifícios, com o objetivo de alcançarem o espírito escondido nos seres e nas coisas. É a máscara que proporciona essa metamorfose, encontrando-se na base do mistério teatral, fazendo cair nela o sobrenatural.

Porém o poeta e ator Antonin Artaud, considera que esta forma de expressão de origem mágica-religiosa ainda não é propriamente teatro pelo facto das suas manifestações assentarem na plena realidade das coisas, ausente de qualquer ficção. No seu entender, o teatro só surgiu quando o público se apercebeu que a representação era um faz de conta e não a celebração de um acontecimento sagrado. E conclui: O público ao tomar consciência de que estava perante uma representação, permitiu ao teatro definir o seu terreno específico ao mesmo tempo de que se desligava do cerimonial.

Mas foram os gregos que, alterando todo o processo de comunicação, tiveram um papel preponderante na separação entre a mística e o teatro. Com

os gregos as representações passaram a ter um carácter de entretenimento, em locais fechados, palcos definidos, separados do público, e com recursos a cenários, ao serviço da ilusão dramática. O que era até então participativo, vivencial e interativo acabou por tornar-se num espetáculo visual, resultante de um processo construtivo moroso e de maior ilusão para agradar ao público.

3. Estas e outras mudanças que ao longo dos séculos se vêm concretizando nas diferentes formas teatrais devem-se indubitavelmente à correlação consolidada entre a sociedade e o próprio teatro. Paraphraseando Jacob Guinsburg, a ideologia de uma obra é fruto da sociedade e sua história, porque toda a obra tem uma função social. E o teatro, mais que nenhuma outra arte, sofre essas influências, entrando em crise e renovando-se, resultante das alterações no contexto civilizacional em que se encontra. Como essas transformações são demoradas, permitem a coexistência no tempo e no espaço de várias



formas teatrais.

Formas teatrais essas que coabitando provocam uma interpenetração teatral, na qual o teatro novo vem, certamente, a surgir do âmago do velho, aceitando e assumindo a sua realidade social.

Mas é no século XX, com grandes e rápidas alterações socioculturais, que se dá a grande viragem na estrutura dramática tradicional. Apesar das influências tecnológicas, às quais se deve o recurso a mecanismos, quer na produção, como também na divulgação desta arte, o teatro sente a necessidade de recuar no tempo, indo em busca da sua essência perdida. Daí que vão surgindo diferentes vertentes de experimentação teatral que recusam por completo o teatro convencional, a ficção, a divisão entre palco e plateia, e procuram a comunhão entre o público e os atores. Neste caso, poder-se-á dizer com Pedro Barbosa que «a pré-história do teatro reencontra-se assim com a sua pós-história».

Seja como for, o teatro é sem

dúvida, a arte que mais direta e estreitamente se prende com os fatores sociais, económicos e políticos do tempo em que o mesmo é produzido. E, como diria Augusto Boal, «por toda a parte se faz teatro e todo o mundo o faz». Por mais simples que o teatro se apresente, implica sempre a existência de um ator. Inevitavelmente necessário é também existir um espectador para o que o teatro aconteça. Não será possível um indivíduo fazer teatro para si próprio, até porque representar significa isso mesmo, agir perante outrem.

4. Mas será que o teatro é necessário? Para o teatrólogo inglês Peter Brook, o teatro é a vida. Faz-se teatro para reencontrar a vida. Mas, se o teatro fosse exatamente igual à vida, então não seria necessário a representação. O teatro apresenta a vida de uma forma mais legível e mais intensa porque está mais concentrada, muito por causa da condensação do espaço e tempo. Temos de acreditar

numa compreensão da vida renovada pelo teatro, disse Antonin Artaud. Um sentido da vida em que o homem, sem receio, se torne senhor do que ainda não existe e lhe dê existência.

5. Por tudo isto, permito-me afirmar que o teatro é, deste modo um instrumento vivo de cultura e um veículo ativo de educação. Vale, pois, a pena fazer teatro ou representar teatro, como queiram dizer. Pois, se o teatro é vida, movimento, imprescindível ao desenvolvimento da cultura e da sociedade, então merece toda a atenção e um respeito redobrado por todos aqueles que têm gosto pela vida. E terminamos estas breves e despretensiosas considerações sobre teatro citando Frederico Garcia Lorca: «O teatro é a poesia que sai do livro e se faz humana». Por conseguinte, viva(m) o teatro!

O Projeto

Teatro à Roda em 2017

A Federação das Colectividades de Cultura e Recreio do concelho de Santa Maria da Feira promoveu, entre 11 de abril e 27 maio de 2017, mais uma edição do "Teatro-à-Roda", iniciativa que visa divulgar o teatro que se faz nas terras feirenses.

Este encontro de Teatro teve, uma vez mais, como objetivos levar esta arte a toda a comunidade feirense de uma forma mais alargada, fomentar uma maior adesão e aceitação da expressão artística em palco, assim como proporcionar um maior acesso do teatro às populações menos favorecidas por uma maior expressividade deste tipo de eventos.

As sessões de teatro decorreram aos fins-de-semana em doze freguesias do concelho e foram recebidas pelas coletividades nas suas sedes ou em parceria com as respetivas Juntas de Freguesia ou outras entidades mais próximas de si. Contou com o envolvimento de 13 Grupos de Teatro que se propuseram, com as suas peças de Comédia, Drama, assim como outras de caráter multidisciplinar, proporcionar, a um vasto público, bons momentos de riso e espetáculo.

A participação ativa dos grupos e coletividades associadas a esta Federação, ajudou a reforçar a presença do teatro no panorama cultural concelhio e consolidou o reconhecimento pelo trabalho que têm desenvolvido nas suas sedes, trazendo ao palco cada vez mais pessoas que se

apaixonam pela arte de representar.

Grupos participantes:

A Flor de Aldriz

Juv-Setas

GEDE

TEATRAMOS – Teatro Amador de Mosteirô

Imaginado

Teatro Amador do Rancho Regional de Argoncilhe

Teatro Infanto-juvenil da Oficina das Artes do Orfeão da Feira

Teatro VaP

Grupo Cénico de Lourosa

Teatro Infanto-juvenil do Rancho Regional de Argoncilhe

ACAL

CiRAC

"Os Velhos" de Milheirós de Poiares

Chama-se a atenção para o mapa que se segue e que se refere aos espetáculos efetuados:

Mapa dos Espetáculos Efetuados

Local	Sala	Data	Grupo	Peça	Tipo espetáculo
Mozelos	Auditório - Tuna Musical Mozelense	11-mar [21h30]	"A Flor de Aldriz"	"O último Baile do Sr. José da Cunha	Comédia
Argoncilhe	Auditório - Rancho Regional de Argoncilhe	18-mar [21h30]	Juv-Setas	"O Ódio"	Monólogo Brutalista
Caldas de S. Jorge	Salão Paroquial - Juventude Inquieta	18-mar [21h30]	GEDE	"Homens Mulheres venha o diabo e escolha"	Comédia
Louredo	Auditório - Multiusos de Louredo	08-abr [21h30]	"TEATRAMOS" - Teatro Amador de Mosteirô	"Raixpartamort"	"multidisciplinar"
Caldas de S. Jorge	Auditório - R. Fol. Florinhas de Caldas S. Jorge	15-abr [21h30]	Imaginado	"As Criadas"	Tragédia/Comédia
Lobão	Centro Cultural	15-abr [21h30]	CÍRAC	"Eu Manuel Inácio, quero ser santo!"	Comédia
Paços de Brandão	Auditório - CÍRAC	29-abr [21h30]	Teatro Amador do Rancho Regional de Argoncilhe	"Tartufo"	Comédia
Arrifana	Salão dos Bombeiros Voluntários de Arrifana	29-abr [21h30]	Teatro Infanto-juvenil da Oficina das Artes do Orfeão da Feira	"O Inventão no Tabuleiro das Maravilhas"	Cómico/Poético/ com acompanhamento musical de uma Orquestra Orff
S. João de Vêr	Auditório - A.C.D.L. de S. João de Vêr	06-mai [21h30]	Teatro VaP	"Ulisses"	Drama/Comédia
Argoncilhe	Auditório - "A Flor de Aldriz"	06-mai [21h30]	Grupo Cénico de Lourosa	"Olhai as mãos"	Drama
Canedo	Auditório da Junta de Freguesia	06-mai [21h30]	Teatro Infanto-juvenil do Rancho Regional de Argoncilhe	"Bum!!! Um castelo dos diabos"	Comédia
Sanguêdo	Auditório - Juventude de Sanguêdo	20-mai [21h30]	ACAL	Yerma	Drama
Mosteirô	Salão Paroquial - Mosteirô	20-mai [21h30]	CÍRAC	"Eu Manuel Inácio, quero ser santo!"	Comédia
Vale	Salão Paroquial - Vale	27-mai [21h30]	"Os Velhos" de Milheirós de Poiares	"A Empresa"	Comédia
Louredo	Auditório - Multiusos de Louredo	27-mai [21h30]	Juv-Setas	"A Cantora Careca"	Comédia/Absurdo

Música e Dança

A Semente Primordial

Victor Sismeiro

Porque as coisas não existem só a partir do momento em que tomamos consciência da sua existência ou a partir do momento em que nós próprios passamos a existir, atrevo-me a afirmar que a Música e a Dança existem desde antes do surgimento do Homem (5 a 7 milhões de anos atrás) e que o surgimento de ambas é indissociável. Não há qualquer prova para estas duas afirmações, mas basta estar-se atento à forma como funciona a Natureza, em particular como se relacionam outras espécies animais, e à dependência que a Música e a Dança têm entre si:

- o canto e os rituais de acasalamento, por exemplo, não são exclusivos da espécie humana e não me parece sensato acreditar que foram as outras espécies que os aprenderam com a nossa;
- a dança sugere música, ritmo; o ritmo sugere dança.

Serviu esta primeira consideração para chamar a atenção para a impossibilidade de se determinar este ou aquele período da vida do nosso planeta como "o" momento em que a Música e a Dança terão surgido. Por um lado, porque a sua existência não dependeu da existência do ser humano, por outro porque, mesmo que tivesse dependido, teria sempre sido anterior ao domínio, por parte da espécie humana, das artes pictóricas que delas nos dão as primeiras notícias.

A partir do momento em que o Homem sentiu necessidade de se agrupar e criou os primeiros arremedos de vida em comunidade, a necessidade de tomar

decisões com impacto na vida dos grupos obrigou a que, pelo menos em dado momento, os seus membros se reunissem para discutir e decidir o que e como fazer. A preparação de uma caçada ou de uma disputa com um grupo rival, as decisões sobre os conflitos internos ao grupo ou sobre para onde e quando o mesmo se deslocaria pela aproximação do inverno, a celebração do resultado de uma caçada ou de uma vitória contra o inimigo, tudo seriam pretextos para que esses embriões de comunidades humanas se reunissem.

Tomadas as decisões ou havendo motivos de celebração, uma qualquer reacção da assembleia era inevitável. Primeiro enquanto ruídos, gritos e movimentos individuais descoordenados, que foram evoluindo, com o passar do tempo e a repetição, para o canto em grupo e a adopção de coreografias colectivas. Assim terão nascido os primeiros rituais comunitários, que encontram testemunho nas incontáveis pinturas e gravações rupestres descobertas em grutas usadas nos primórdios da civilização, quando o Homem ainda não tinha começado a construir os seus abrigos e se protegia das intempéries nesses agasalhos proporcionados pela Natureza. Assim terão nascido a Música e a Dança, identificadas hoje como primeira e segunda artes, respectivamente, como componentes indispensáveis desses rituais primordiais que integravam ritmos musicais que poderiam ir do simples bater de palmas até ao entrecocar de objectos de uso comum,

acompanhados de movimentos do corpo que os ritmos naturalmente sugeriam. Pertença de cada comunidade humana, os rituais iniciais foram-se transformando na semente do que viria a ser a sua Cultura, transitando de geração em geração como herança deixada pelos que tinham vivido àqueles que começavam a viver. Curiosamente da mesma forma que nos foi transmitido, até há pouco mais de meio século atrás, grande parte do saber dos nossos mais velhos.

Para percebermos a importância que a Música e a Dança tiveram no desenvolvimento da Humanidade e na construção daquilo a que hoje chamamos Cultura e Civilização basta que façamos um breve raciocínio: se ambas são hoje indispensáveis em tão diferentes acontecimentos como os espectáculos de ópera ou de bailado, os múltiplos festivais de música clássica ou ligeira, nos arraiais populares, nas festas familiares, quanto o não seriam nos tempos em que a Humanidade despontava e não dispunha dos meios que hoje tem à sua disposição.

O mais provável é que tenham sido, inicialmente, uma consequência desses ajuntamentos para, um pouco mais tarde, se tornarem também numa razão para as pessoas se reunirem. A verdade é que lá foram estando no decurso de milhares ou milhões de anos, promoveram a aprendizagem em conjunto, cultivando o gosto por estas duas artes que ainda o não eram, transformando-se em parte da identidade de cada comunidade humana e dando características próprias a cada uma delas. Mesmo não podendo afirmar se a Música e a Dança foram causa ou consequência da sociabilização, sabemos que uma e outra estiveram, desde muito cedo, presentes nos momentos de reunião das comunidades primitivas e foram a semente das diferentes culturas e civilizações que a Humanidade já conheceu.

Música e Dança foram, assim e desde sempre, mais do que formas de exprimir emoções ou de as provocar: foram e são uma forma universal de sociabilização e de aculturação. Foram a semente primordial daquilo que é hoje a nossa Civilização.



Conhecer as Obrigações Fiscais das Associações

António Pinto

Contabilidade – SNC /ESNL (Regime simplificado)

No Decreto-lei 36-A/2011 de 9 de março, que aprovou o regime da normalização contabilística para as microentidades (NCM) e para as entidades do setor não lucrativo (ESNL), ficou estabelecido que, quando as associações tiverem rendimento anual inferior a 150.000,00€ podem optar pelo regime simplificado de escrituração. No entanto, mesmo no regime simplificado, a prestação de contas passou a ser uniformizada de acordo com os modelos aprovados na portaria 105/2011, Anexo II, sendo obrigatórios a divulgação dos seguintes mapas:

- Mapa de Recebimentos e Pagamentos;
- Mapa de Direitos e Compromissos Futuros;
- Mapa do Património Fixo.

A grande maioria das coletividades enquadra-se no regime simplificado. É para estas associações, do regime simplificado, que tinham modelos de prestação de contas muito diferentes daqueles que estão em vigor, que importa reforçar a obrigatoriedade dos mesmos. De facto não são suficientes os relatórios financeiros das atividades, ou as folhas de caixa, que estavam em uso e continuam em alguns casos a ser apresentados nas assembleias... É obrigatória a utilização dos mapas atrás referidos.

No Mapa de Recebimentos e Pagamentos, são consideradas **quatro contas** de recebimento: **Atividades** – onde são considerados os rendimentos isentos ou não aplicáveis para efeito de IRC – **Receitas**

Comerciais; Capitais e Prediais. Nos pagamentos são consideradas apenas **duas contas: Funcionamento** – onde devem ser incluídos os custos comuns e os custos específicos das diversas atividades; **Investimento** - onde devem ser registados os custos em infraestruturas e equipamentos.

No mapa de direitos e compromissos futuros devem ser inscritos os valores a pagar, a receber e qual o ano em que serão realizados.

No mapa do património fixo, a página está dividida a meio, para que na parte superior se inscreva o património referente aos anos anteriores e na metade inferior se inscreverem as aquisições e variações do valor patrimonial, referente ao ano corrente.

Registo contabilístico

Nos termos do código do IRC, estas associações devem ainda possuir, obrigatoriamente, o registo de rendimentos organizado segundo as várias naturezas do rendimento das associações.

Rendimentos isentos referentes às atividades estatutárias, às angariações de fundos e donativos; Rendimentos não aplicáveis para efeito de IRC – Joias, quotas e subsídios; Rendimentos sujeitos a imposto (Categorias B, C, F e G) quando existirem.

Igualmente, devem ser registados e arquivados todos os comprovativos de pagamento, de forma a distinguirem-se os encargos específicos de cada categoria de rendimentos sujeitos a imposto dos demais encargos a deduzir ao rendimento global, bem como o registo de inventário, em 31

de dezembro, dos bens suscetíveis de gerarem ganhos na categoria de mais-valias.

Apuramento de resultados

Tal como já foi referido, antes do apuramento do resultado líquido do exercício deve ser apurado o resultado de cada atividade. Assim, para efeito de IRC, é necessário ter em conta que é obrigatório fazer o apuramento da matéria coletável, que deve seguir o seguinte processo:

- Apuramento do Lucro Tributável:
 - a) Resultado líquido da respetiva atividade depois de deduzidas as despesas comprovadamente necessárias à obtenção daquele rendimento.
- Apuramento do rendimento global:
 - a) Somar os lucros e os prejuízos de todos os outros tipos de rendimento.
- Apuramento da matéria coletável:
 - a) Dedução dos gastos comuns e benefícios fiscais.

IRC – Rendimentos sujeitos, isentos e não aplicáveis

As associações culturais, desportivas e recreativas são, por natureza, sujeitos passivos de IRC, com incidência, nos termos do respetivo Código, Artigo 3º alínea b), na “soma algébrica dos rendimentos das diversas categorias consideradas para efeito de IRS e, bem assim, os incrementos patrimoniais obtidos a título gratuito” (...) das entidades que não exerçam, a título principal, uma atividade comercial, industrial ou agrícola”.

Nos termos do nº1, do Artigo 11º, do Código do IRC, estão isentos de imposto as

atividades culturais, desportivas e recreativas, das entidades legalmente constituídas para o exercício dessas atividades.

As associações estão ainda isentas de IRC, referente a outras atividades não isentas, se a soma dos rendimentos sujeitos não ultrapassar os 7.500,00€, nos termos do Estatuto dos Benefícios Sociais, Decreto-Lei nº 215/89 de 1 de julho.

As receitas provenientes de manifestações ocasionais de angariação de fundos – venda de produtos, exposições, sorteios, etc., – estão também isentas, até ao máximo de oito atividades por ano, desde que não provoque a distorção da concorrência.

IVA – Operações isentas e limites de isenção

As coletividades, como qualquer outra entidade com personalidade jurídica, são sujeitos passivos em termos fiscais e estão genericamente obrigadas a pagar o imposto.

O Código do IVA prevê um conjunto de atividades que, quando desenvolvidas por entidades sem fins lucrativos, se encontram isentas do referido imposto ao abrigo do artigo 9º, designadamente:

- N.º 8 – Exploração de estabelecimentos destinados à prática desportiva...
- N.º 14 – Congressos, colóquios, conferências, seminários e cursos...
- N.º 19 – Prestação de serviços (...) pagos por quotas e jónias estatutárias...
- N.º 20 – Manifestações Ocasionais de Angariação de Fundos...
- N.º 35 – Cedência de bandas de música, espetáculos de teatro, dança...

Estão ainda isentos de IVA outros serviços complementares à prática artística, desportiva, cultural ou recreativa das

associações, como os cuidados médicos e sanitários, a locação de livros ou atividades educativas.

O artigo 53º confere isenção se o volume de negócios for inferior a 10.000,00€.

Comunicação eletrónica de faturas

As associações que só realizam atividades isentas estão dispensadas de emissão e

comunicação de faturas. Para estas entidades o recibo é comprovativo suficiente.

Para as restantes associações, estando sujeitas a IVA devem obrigatoriamente emitir fatura através de programa certificado ou em livro autenticado pelas finanças e efetuar a sua comunicação eletrónica como qualquer outra entidade comercial.



Uma experiência

Festival Doce

Nos primeiros dias de junho acontece, nas Caldas de S. Jorge, o Festival Doce.

Este certame conta em cada edição com cerca de 20 expositores que fazem fiel representação do melhor da doçaria conventual portuguesa, de norte a sul do país, incluindo as bebidas licorosas, artesanato, entre outros produtos.

Em 2017 realiza-se aquela que é a Xª edição do certame, estando a produção a cargo da Associação Juventude Inquieta contando com o apoio de vários organismos de Santa Maria da Feira.

Desde a sua primeira edição que o evento se realiza na área envolvente das Termas de São Jorge, um espaço único em termos de paisagem, marginal a uma vasta área

reabilitada do rio Uíma, com uma extensa zona de plátanos centenários, tudo isto constituindo um aprazível cenário de ambiente termal.

O Festival Doce tem como objetivo primordial ser uma montra de saberes, sabores e tradições enraizadas na cultura gastronómica de doçaria nacional. Fazer desta mostra um local obrigatório de passagem para a população das regiões das proximidades, pela oferta diversificada e consistente, tem sido a pedra angular desta organização. A promoção de espaços de lazer, diversão e entretenimento, caminhadas temáticas, animação musical, entre outras ações, permitem uma animação constante durante três dias muito doces!



Estudo

Caracterização do Tecido Associativo de Santa Maria da Feira

António Pinto

Introdução

Para a realização deste estudo foram observadas informações de paróquias, referências das Juntas de Freguesia e foram analisados os números da evolução do movimento associativo local tendo por base o levantamento da realidade associativa realizado pela Federação das Coletividades de Cultura e Recreio do Concelho de Santa Maria da Feira.

Pretendemos fazer uma análise dos objetivos ou fins sociais, das diferentes organizações que constituem o chamado tecido associativo local, tendo como enquadramento a avaliação das várias perspectivas: a visão económica, as características das atividades e os ideais estruturantes.

Com esta reflexão pretende-se também evidenciar a diversidade de organizações e desmistificar a ideia de que existe um determinado perfil ideal ou princípio sobre o qual todos se devem pautar... Não existe um ideal... Existem ideais!

Enquadramento Económico-social

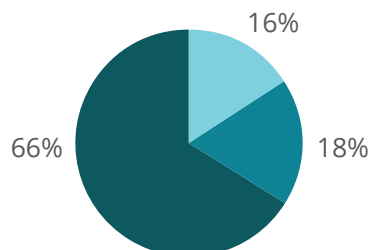
Estima-se a existência, no Concelho de Santa Maria da Feira, de cerca de meio milhar de organizações de carácter associativo.

Numa primeira análise, separámos as organizações pelo seu enquadramento legal e avaliámos a sua expressão em números relativos e em termos percentuais.

- A. Associações sem fins lucrativos – 330;
- B. Associações com intuito lucrativo – 90;
- C. Associações informais com ou sem intuito lucrativo – 80.

Enquadramento Económico

■ Não Lucrativo ■ Lucrativo ■ Informal



Associações Informais

As associações informais, cujo direito de reunião e associação é reconhecido pelo direito internacional e pela Constituição da República Portuguesa, são essencialmente grupos paroquiais, grupos de artistas, confrarias e comissões de festas. Estão implantados em todas as freguesias do concelho e a sua atividade é muitas vezes pouco visível, mas com um impacto social muito positivo.

A lei prevê, para este tipo de organizações, a possibilidade de terem atividade económica e social respondendo todos os seus membros, solidariamente, pelas consequências legais e fiscais que resultarem dessa mesma atividade.

Associações com intuito lucrativo

As associações com intuito lucrativo (não confundir com as cooperativas) são essencialmente constituídas por profissionais liberais que se organizaram em associações com o objetivo de maximizar a sua ação ou para beneficiarem de um enquadramento fiscal mais favorável.

Alguns gabinetes de apoio técnico, centros

de explicações, espaços de ocupação dos tempos livres, centros de manutenção da condição física... são organizações associativas, cujas atividades muitas vezes se confunde com pequenos negócios ou empresas familiares.

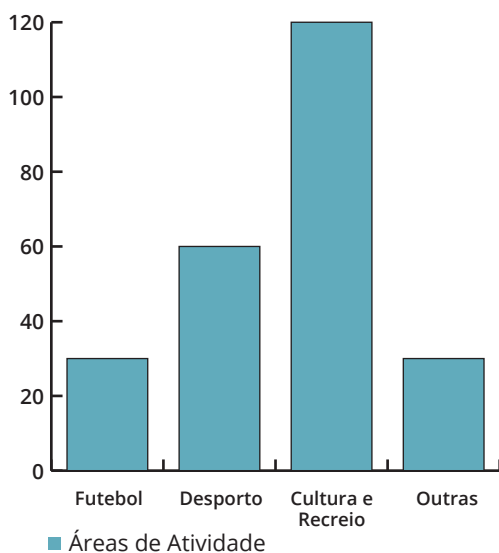
Esta foi a área associativa que mais cresceu e passou, em alguns anos, de uma expressão quase insignificante para um número muito próximo da quantidade de clubes desportivos e tem um potencial de crescimento muito elevado, dada a falta de oportunidades para os jovens licenciados na área das artes, do ensino e da educação física.

Estas associações técnico-profissionais estão a crescer e a ocupar o espaço que antes estava preenchido com as atividades recreativas das coletividades.

Associações sem fins lucrativos

As associações sem fins lucrativos podem ser subdivididas em cinco grandes grupos:

- A. Clubes de futebol amador – 9%;
- B. Clubes desportivos – 18%;
- C. Associações culturais e recreativas – 37%;
- D. Associações de Pais – 27%;
- E. Outras de diversos fins sociais – 9%.



O fim ideal das associações culturais e recreativas

O que caracteriza e diferencia as associações culturais e recreativas é o seu comportamento perante a organização social, a sua atitude mais interventiva ou assistencialista, o seu comportamento mais reivindicativo ou protecionista...

Em termos gerais, as associações partilham um conjunto de ideias de referência para a sua ação. Nos últimos anos, em Santa Maria da Feira, nos diversos encontros, debates e estudos promovidos pela Federação das Coletividades e apesar de uma hierarquia qualitativamente diversificada, conforme os interesses de cada organização, foram sinalizadas dez ideias fundamentais para o desenvolvimento associativo:

- I. Incremento da participação juvenil;
- II. Fomento da criatividade e inovação;
- III. Formação contínua;
- IV. Estratégia de comunicação e imagem;
- V. Especialização do pessoal técnico;
- VI. Dinâmica colaborativa;
- VII. Aprofundamento dos princípios e valores associativos;
- VIII. Autonomia financeira;
- IX. Instalações e equipamentos de qualidade;
- X. Compromisso com o desenvolvimento local.

Constatámos que a grande diversidade de ideais de referência e as prioridades das diversas associações culturais e recreativas do concelho de Santa Maria da Feira resultaram de fatores relacionados com a história, com a sensibilidade dos dirigentes e as características dos membros de cada organização. Mas, ao nível dos fins ideais, pudemos referenciar, à partida, duas



grandes vias divergentes no sentido das suas orientações:

- A. Via artística e criativa – focada na valorização pessoal e interpessoal;
- B. Via do funcionalismo social – focada numa ideia de desenvolvimento, com valores impessoais e transpessoais.

As associações com maior dimensão, maior dependência de subsídios e apoios e um maior compromisso com o desenvolvimento local, têm perdido nos últimos anos as características de organizações que reclamavam autonomia e liberdade de ação, que respondiam aos problemas sociais com a mobilização do espírito humanitário e do voluntariado, e perderam esses valores que estiveram na base do movimento associativo de iniciativa popular, para assumir uma atitude de funcionalismo social, com um papel cada vez mais subsidiário da função social do estado.

Concluindo

Ao nível do enquadramento económico, as associações sem fins lucrativos têm vindo a

perder importantes áreas de intervenção para novas organizações com intuito lucrativo, mais agressivas, mais dinâmicas e, tecnicamente, mais bem preparadas. Ao nível das características das atividades das associações sem fins lucrativos, a área da cultura e recreio continua a ser maioritária, mas tem vindo a estagnar e a perder terreno.

Ao nível dos ideais e dos objetivos estratégicos, o novo fenómeno do chamado funcionalismo social tem vindo a crescer. No entanto, este modelo tem merecido algumas críticas e despertado algum receio por, alegadamente, ser responsável pela desvalorização dos princípios fundamentais do movimento associativo.

A realidade atual evidencia uma dinâmica transformadora que tem de ser encarada e analisada sem preconceitos nem fundamentalismos. As associações culturais e recreativas ou saem da sua zona de conforto, do seus “direitos adquiridos” e despertam para o novo paradigma do dinamismo económico-social e do desenvolvimento local, ou correm o risco de serem ultrapassadas.

Entrevista ao Sr. Tomás Sá

Entrevistador (E): Para começar, com quem estou a falar?

Senhor Tomás Sá (TS): O meu nome é Tomás Sá Coelho, sou residente aqui neste lugar da Lavandeira da freguesia de S. João de Vêr, e cabe-me o lugar de ser presidente da direção da Associação Cultural e Desportiva da Lavandeira, abreviadamente, ACDL.

E: Desde quando se dedica ao associativismo?

TS: A designação que hoje temos foi sofrendo algumas alterações ao longo do tempo. Inicialmente, entrei em fevereiro de 1989 numa pequena organização chamada “Os Solitários” que funcionava informalmente, pois não havia escritura nem estatutos. Foi a partir daí que fomos desenvolvendo algumas ações e atividades diferentes das que se vinham realizando, o que levou à necessidade de se dar uma designação diferente daquela que tínhamos. Foi em 1990 que decidimos alterar o nome para Centro de Cultura e Desporto, pois, como entrámos no Inatel, esta obrigava que as entidades aderentes fossem centros de cultura e desporto. E assim foi sendo durante nove/dez anos. Por essa altura, como havia aqui no lugar o Grupo Folclórico de

Danças e Cantares de S. João de Vêr, que é um pouco mais novo que a atividade de futebol, que existia desde 1976 no grupo “Os Solitários”, nós entendemos que devíamos fazer uma fusão das duas organizações, até porque já havia a ideia de se construir uma sede social e isso iria dar-nos mais força e condições para alcançar esse objetivo. Assim, fez-se uma nova alteração para Associação Cultural e Desportiva da Lavandeira de S. João de Vêr. Sempre que entendíamos que podíamos incluir novas atividades assim o fazíamos. Foi o que aconteceu com o atletismo e, depois, com o teatro. Este iniciou-se por volta dos anos 2000/2002, logo a seguir ao folclore, por proposta e pela mão do Manuel Joaquim, que andava na Lourocoop e que, também, é natural deste lugar. Nós aceitámos, achámos uma boa ideia e, assim, se iniciou o teatro e acho que valeu a pena. Posteriormente, o programa Movimento e Bem-estar também veio e depois, há cerca de 9 anos, criamos um Ateliê de Desenho e Pintura, uma escolinha de pintura que penso que tem dado bons resultados. Temos um responsável que é bastante bom nesta área e, portanto, as coisas têm decorrido com toda a normalidade e de forma muito positiva. Normalmente, fazemos



uma exposição, com os trabalhos efetuados no decurso do ano, a coincidir, nos primeiros anos, com a festa que se realiza em honra do padroeiro S. João Baptista e, ultimamente, a coincidir com as comemorações da elevação de S. João de Vêr a vila.

E: Resumindo, que áreas se desenvolvem hoje na ACDL?

TS: Temos: na área desportiva, o futebol no âmbito do Inatel, e o atletismo na formação; na vertente cultural temos o folclore, o teatro e a pintura; e na social, o Programa Movimento e Bem-estar. Também temos uma área mais lúdica, que é a aeróbica e a zumba, que decorre ao longo da semana aqui nas instalações da sede.

E: Senhor Tomás, como tem sido o seu envolvimento nesta área?

TS: Quando fui contactado para “Os Solitários”, que praticava um futebol de bairro, eu entendi, como pessoa nascida e criada neste lugar, que era chegada a

minha vez de, se possível, dar o meu contributo àquela juventude. Isto em 1989. A partir daí assumi a presidência, nunca pensando que esta poderia prolongar-se até aos dias de hoje. Vai fazer 12 anos, no próximo mês de setembro, que iniciámos o projeto desta sede onde nos encontramos neste momento e, para a qual tive uma grande responsabilidade no sentido de dar o pontapé de saída com o início da construção desta casa. E sempre pensei com os meus botões que, com esta responsabilidade que estava a assumir, nunca mais poderia desistir, tanto em termos físicos como intelectuais, até que esta obra ficasse vencida. Essa era uma condição à qual não poderia furtar-me. Assumi que sim, que enquanto pudesse, iria estar sempre com este projeto até ao fim, e aqui estou.

Quanto ao futuro, como diz o ditado e o povo, a Deus pertence e por isso não sei. Sinto que tenho alguma vocação para o associativismo e, por conseguinte, aqui ou noutra lado, enquanto for tendo algumas energias, vou gastando-as desta forma.

E: Ao longo de toda esta experiência, certamente foi tendo momentos ou situações especiais que o marcaram de forma positiva e negativa. Pode referir-nos pelo menos um facto positivo que considera relevante e, já agora, algum outro que o tenha marcado de forma negativa?

TS: Posso dizer-lhe à partida que situações que me agradaram são muitas. Faço uma retrospectiva e sinto que todo o trabalho que tenho vindo a desenvolver, juntamente com todas as equipas que me têm ladeado, é um trabalho positivo de que toda a comunidade usufruí, desde os mais novos aos mais velhos. Essa é a vertente positiva que mais me apraz registar. Eu não tenho mágoas, não sinto que tenha havido grandes problemas relativamente ao meu trabalho. Pequenas coisas existem sempre, pois da divergência nasce a luz, mas factos que me tenham marcado de forma negativa, não tenho.

E: Para além da ACDL, tem tido algumas outras intervenções ao nível da comunidade?

TS: Sim, há 8 ou 9 anos incorporei um movimento ao nível da paróquia no sentido de poder ajudar os mais carenciados, pessoas a quem lhes falta coisas essenciais e básicas para o dia-a-dia. Começou por uma pequena infraestrutura, para um casal humilde e doente que ficou apanhado numa situação em que nem podiam acabar uma pequena casa e que tinham os filhos divididos, uns com eles, outros com os avós. Isso tocou-me e, quando vieram ter comigo no sentido de poder dar uma ajuda, eu intuí que para estes casos e outros que aparecessem melhor seria juntar pessoas ao nível da freguesia e da

paróquia para que se pudesse dar uma melhor resposta.

Com o beneplácito do Padre António, que não tinha falado mas que desejava que aparecesse alguém que pudesse dar ajuda nesse campo, arrancou. Em boa hora, uma vez que não pensávamos que as coisas se agravassem conjuntamente como veio a acontecer.

Ao fim de 2 anos de pertencer ao Movimento Sócio Caritativo da Paróquia de S. João de Vêr, fui “forçado” a ficar com o cargo de tesoureiro. Temos conseguido ajudar bastante as famílias mais carenciadas a diversos níveis, como a recuperação de casas degradadas. Foi feito muito trabalho. Certamente não é aquilo que as pessoas gostariam que fosse e que nós desejaríamos, mas é o trabalho possível. Também tenho aprendido com as pessoas que comigo, ou eu com eles, tenham feito equipa, porque a gente às vezes pensa que somos bons, que damos bastante e acabo por ver que há pessoas que dão mais e com uma grande humildade. É com bastante sacrifício que me vou mantendo no cargo, pois acumular responsabilidades várias em simultâneo custa bastante mais, mas como tem valido a pena... a causa é enorme e a gente vai tentando ajudar quem mais precisa, que vai batendo à porta de vez em quando... Isso para mim também é gratificante e às vezes até dou graças a Deus por ter podido fazer estas coisas.

E: Consegue tudo isto continuando a ter a sua atividade profissional...

TS: Sim. Sou um pequeno empresário há 34 anos e, felizmente, também não tenho razão de queixa do trabalho e até gosto.

E: Mas consegue conciliar essas 3 vertentes...

TS: Sim. Tudo tem sido feito com muito esforço. É preciso algum espírito de sacrifício.

E: E a nível familiar, isso é fácil?

TS: Essa é um aspeto que me facilita a vida, pois nunca constituí família. Sou solteiro e isso concede-me alguma liberdade de ação. Além disso tenho uma família grande, irmãos e irmãs, que muito me ajudam. Chego a casa e tenho almoço e jantar prontos, enfim, sou um pouco "mimado". Se não fosse esse apoio de retaguarda não poderia meter-me nas coisas como o faço.

E: Com base na sua longa experiência, em que fase considera que estamos no desenvolvimento associativo cultural do país e do concelho?

TS: Falo mais do caso do nosso concelho. Felizmente temos à frente das nossas associações, gente muito empreendedora e muito resiliente. Não fora isso e mais de 50% , teria deixado cair a toalha, pois a conjuntura que

atravessámos foi muito dura. Foi-nos retirado tudo e, não obstante isso, as associações com mais ou menos caudal de trabalho e atividades, foram-se mantendo de pé. Tenho ideia de que estamos numa nova fase, em que a entidade pública responsável máxima, que é a nossa Câmara Municipal, está com uma perspetiva moderadamente diferente e que, de algum modo, também vai ajudando. As associações, partem no início de um ano, com um novo Plano de Atividades aprovado no final do ano anterior, geralmente com a conta bancária e a tesouraria a zeros. Isso não nos permite dimensionar projetos de maior envergadura, porque não podemos assumir grandes riscos pois somos responsáveis por aquilo que fazemos. Isso muito nos condiciona. Eu acho que as associações que têm provas dadas, e não é difícil identificar se trabalham ou não, mereciam mais apoio. Lembro, por exemplo, o folclore, que é uma atividade muito importante no nosso concelho e no país, porque são os fiéis guardiões de todo um passado etnográfico, folclórico, dos trajes e equipamentos, que desenvolvem uma ação muito importante na defesa do nosso passado e não são reconhecidos. Dificilmente poderão ser, porque não podem fazer projetos megalómanos para irem buscar apoios, por exemplo, no PAPC. É difícil. Para o funcionamento deveria haver aquele mínimo de

apoio e incentivo, pois apoiar a cultura, tal como já ouvi da boca do nosso presidente da Câmara, não é deitar dinheiro fora. Sim, é verdade, estamos todos de acordo, mas acho que se deve apoiar mesmo financeiramente, porque só palavras é muito pouco.

E: Considera, então, que em paralelo com o PAPC deveria haver um outro tipo de apoio mais diretamente vocacionado para a atividade normal das associações?

TS: Sim, em paralelo com isso, deveria haver o reconhecimento financeiro para o funcionamento regular. Eu acho que hoje, se tentássemos olhar para a linha do horizonte e pensássemos que não havia associativismo, o nosso país e o nosso concelho seriam um deserto. O associativismo desempenha um papel importantíssimo na nossa sociedade, no que respeita ao desenvolvimento da cultura e da economia local. Equipamentos do género dos que são construídos por nós e tantos outros, assim como o desenvolvimento dos residentes provocado pelas associações, contribuem para desenvolver a economia local. Tudo isso é importante. Havendo mais dinheiro é óbvio que a dimensão deste peso é maior. Não havendo, as pessoas têm que se limitar a pouca coisa. Acho que temos associações no nosso concelho que já quase não precisam disso mas, essas, têm

uma vocação diferente, cosmopolita. Essas saem, vão para outros palcos, já visam uma parte comercial. Isso não é verdadeiro associativismo. Estou mais numa vocação em que o associativismo é proximidade, fazer pela comunidade para a comunidade. Para mim, a essência do associativismo está na proximidade. Esta provoca a coesão social que tem de estar, sempre, antes do dinheiro.

E: Face ao que acaba de afirmar, como perspectiva o futuro do associativismo cultural no nosso concelho? Em que condições, imagina, que este se vai desenvolver?

TS: Penso que há dinâmica ao nível do nosso associativismo. A entidade municipal quer introduzir muita dinâmica e acho que devemos aproveitar isso. Mas essa entidade tem de intuir que precisa de apoiar mais. Tem de estar mais próxima de quem faz, de quem trabalha, das associações, mas com apoio concreto, monetário, “abrir mais os cordões à bolsa” e isso vai provocar maior dinamismo. Com isto, o associativismo só tem a ganhar. Penso, no entanto, que nos tem faltado que a entidade que nos “tutela” (estou a referir-me à Federação das Coletividades) reivindique mais junto do município. Nem tudo tem estado bem e é preciso maior peso negocial e, para isso, deve servir de intermediário. Sozinha, ou com associações

representativas que se disponibilizem a juntar-se-lhe, deve confrontar a câmara e fazê-la ver que nem tudo pode ser feito a régua e esquadro. Não é nos gabinetes que se sabe como repartir o parco bolo a distribuir. Está demonstrado que o atual presidente da Câmara reconhece a importância do associativismo no concelho mas, então, deve dar ouvidos a quem está no terreno e aceitar as propostas razoáveis que lhe façamos e assim, todos em conjunto, podemos levar o associativismo a bom porto. A sociedade tem muito a beneficiar com isso.

E: O que gostava que acontecesse dentro do associativismo?

TS: Gostaria de ver uma maior adesão ao associativismo e tenho constatado que isso pouco acontece com a juventude. Lamento isso. A juventude também tem muito a ganhar: viver em sociedade, sermos mais solidários, faz com que tenhamos uma sociedade melhor e mais feliz. Sinto essa lacuna. Culpa de quem? É, provavelmente, uma área que deve ser bem pensada. Chamar e ouvir mais a juventude, organizar colóquios, projetar e mostrar o que as associações fazem no seu todo, talvez isso, com exemplos concretos, a levasse a aderir mais. Por vezes só falar não chega. É preciso mostrar “obra”.

E: Para concluir, gostaria de saber



qual irá ser o seu futuro nesta área?

TS: Tenho a consciência de que ninguém é de cá, que ninguém é eterno. Mas ainda não me sinto vencido. Sinto que ainda tenho que dar um bocado mais, muito ou pouco, não sei, ao associativismo e à sociedade no seu todo. Enquanto tiver energias e capacidades que podem ser úteis aos outros, estas estarão sempre ao serviço da comunidade. Essa é a minha perspectiva, é a minha maneira de ser. E isso ainda acontece. Por isso podem continuar a contar comigo.

E: Pretende pronunciar-se sobre algo que não lhe tenha perguntado?

TS: Queria apenas realçar e louvar o trabalho extraordinário desenvolvido pela Federação das Coletividades e, de qualquer modo, dizer que é salutar haver uma federação, mas que precisava de ter uma maior estrutura para desempenhar o papel relevante que, mesmo assim, leva a efeito.

Carrossel Cultural 1993

O surpreendente intercâmbio das coletividades de Santa Maria da Feira

António Pinto

Andar no carrossel, nos anos noventa, era a atração principal numa qualquer romaria ou arraial popular. Para a rapaziada mais jovem, o carrossel era a grande oportunidade de realizar a primeira viagem imaginária de avião, de comboio, de moto ou até mesmo num carro de polícia.

O conceito de carrossel era, naquela época, assim como agora, sinónimo de divertimento público, de folia, de risos de crianças, de grande alegria, apesar daquela irritante música foleira. Tudo muito distante da suposta pasmaceira contemplativa das tertúlias culturais.

A surpreendente associação do carrossel à cultura dava que pensar. A ideia surgiu, na direção da Federação das Coletividades de Cultura e Recreio do Concelho de Santa Maria da Feira, no final do ano 1992, alguns meses antes da constituição formal desta federação e foi apresentada numa reunião com os dirigentes associativos de forma muito original.

O guião/convite que foi enviado às associações em fevereiro era sugestivo: *“O carrossel Cultural tem por objetivo um maior conhecimento da realidade de cada associação participante, uma mais ampla divulgação da mesma, e ao mesmo tempo pretende-se que seja um forte contributo para a criação de laços de amizade entre os diretores e associados de todas as coletividades federadas.”*

O Carrossel Cultural estava programado para o sábado dia 15 de Maio, durante todo

o dia. Sabemos agora, ao consultar as datas comemorativas, que esse dia tinha três efemérides de grande interesse para os dirigentes associativos: “Dia do Gerente Bancário”; “Dia do Assistente Social”; “Dia Internacional da Família”. A título de curiosidade, já agora, podemos constatar que as datas alternativas também tinham algum interesse: “Dia Nacional do Turismo” se fosse realizado no sábado anterior; “Dia do Abraço” se fosse realizado no sábado seguinte.

As principais preocupações da organização eram os locais da partida e chegada. *“O Carrossel vai ter de parar. Onde? Aceitamos candidaturas.”* Seria escolhida a associação que na opinião da Comissão Executiva considerasse que reunia as melhores condições para a festa de encerramento da atividade: *“Teremos um jantar Convívio. Durante o jantar pretendemos realizar um grande espetáculo que terá como tema: Vem comigo conhecer o Concelho de Santa Maria da Feira.”*

A realização do projeto sofreu alguns pequenos ajustamentos. Tendo em conta a sugestão dos dirigentes associativos foi retirada a ideia da concentração inicial. Cada associação preparava o acolhimento e depois seguia no carrossel para visitar a associação seguinte e assim sucessivamente, numa dinâmica de crescimento até culminar na grande festa de encerramento.

O Carrossel Cultural foi uma das mais extraordinárias iniciativas do período da Pré-constituição desta Federação de Coletividades. Foi o dia da realização da

primeira ceia!

Suspeito que o sucesso da constituição da Federação, que foi anunciada em junho de 1989 mas concretizada, apenas, passados dois anos e meio, em fevereiro de 1993, foi resultado de um difícil processo agregador. Vivia-se um período de grande

conflitualidade e críspação no seio do movimento associativo local. Apenas aquela irreverência experimental, o efeito surpresa da imprevisibilidade e a ousadia de se querer fazer o que ainda não tinha sido feito, poderão explicar este sucesso. Foram bons tempos!



Forúm Associativo

18 de Novembro de 2017

Santa Maria da Feira

A Federação vai organizar, em 18 de Novembro de 2017, o Fórum Associativo, que tem como objectivo promover o debate sobre os caminhos que temos percorrido e os desafios para o futuro.

Será uma oportunidade para as associações debaterem em conjunto o seu papel junto das comunidades locais, os desafios que hoje nos são colocados, as ameaças à nossa autonomia, a nossa importância no desenvolvimento cultural do território, como tem sido o apoio (ou a falta dele) à nossa actividade e funcionamento, como é que o plano cultural anual do concelho tem tido em conta o associativismo local, as exigências fiscais e as nossas estratégias para respondermos cada vez com mais eficiência às necessidades das populações.

Será por certo um momento de encontro, de intercâmbio e debate de ideia entre todos, com o objectivo de procurar soluções conjuntas que alavanquem e ajudem a direccionar os caminhos que fortaleçam as nossas organizações e as tornem mais bem preparadas, autónomas e independentes, capazes de enfrentar, com mais capacidade e qualidade, os desafios futuros.

Que a agenda de cada associação reserve este dia, participe ativamente na organização do FÓRUM e o torne num grande acontecimento associativo que marque o presente e seja construtor de uma afirmação maior das nossas associações!



Viagem Medieval

Em Terra de Santa Maria

D. AFONSO IV – FOME, PESTE E GUERRA | SÉC. XIV

02 a 13 de agosto de 2017

Centro histórico de Santa Maria da Feira

CONTEXTO HISTÓRICO

No ano de 1325, subiu ao trono o infante rebelde, de temperamento obstinado, com o título de D. Afonso, o quarto, pela graça de Deus, rei de Portugal e do Algarve. Governou durante 32 longos anos, muito duros e difíceis, subjugados por tempos de muitas fomes, grandes pestes e algumas guerras.

As mudanças climatéricas e as catástrofes naturais levaram à escassez de produtos alimentares, o que provocou o aumento de preços e gerou muita fome e doenças, atingindo o auge em 1348, com a Peste Negra. Também as guerras com Castela, a ameaça islâmica e a guerra civil com seu filho Pedro ajudaram a fomentar esta trilogia dos horrores que tanto assolou as gentes desta época. Apesar de todas as vicissitudes, o Bravo governa o reino com grande tenacidade e perspicácia, reforçando o poder real através de uma intensa ação legislativa e reformas inovadoras na área da justiça e da administração.

D. Afonso IV empenha-se nos proveitos do mar, fazendo de Portugal o conciliador das rotas marítimas entre o Atlântico e o Mediterrâneo. El-rei transforma o reino num só território, sob uma mesma autoridade, num só povo, numa só língua, numa só tradição. Em resumo, numa só identidade: no reino de Portugal.

ABERTURA

02. AGO | QUA

ABERTURA OFICIAL DA XXI EDIÇÃO DA VIAGEM MEDIEVAL

Praça Nova · 15:00

CORTEJOS

02. 03. AGO | QUA. QUI

PEREGRINAÇÃO A SANTIAGO DE COMPOSTELA

Castelo › Igreja da Misericórdia · 21:45
Depois de enviivar, a rainha Santa Isabel decide fazer peregrinação a Santiago de Compostela.

04. 07. 10. AGO | SEX. SEG. QUI

A CHEGADA DO CAVALEIRO NEGRO (PESTE)

Praça da Câmara › Povoado · 21:45
O reinado foi atingido por várias catástrofes naturais que geraram muitas fomes e doenças, atingindo o pico de mortes com a chegada da Peste Negra.

06. AGO | DOM

POR TERRA DE SANTA MARIA

Tribunal › Castelo · 19:00

13. AGO | DOM

EL REI D. AFONSO, O IV

Tribunal › Castelo · 19:00

EPISÓDIOS

05. 06. AGO | SÁB. DOM

FIDALGOS E PRELADOS DE MEU SENHORIO

Castelo [exterior] · 22:00

D. Afonso IV não hesita em mostrar, com mão de ferro, que o seu poder se sobrepõe ao de todos os senhores do reino.

08. 09. AGO | TER. QUA

EL-REI, O BRAVO

Castelo [exterior] · 22:00

O destino do reino jogava-se além-fronteiras e, por, isso, D. Afonso IV alia-se aos monarcas hispânicos contra o inimigo comum.

Contudo, no seio da sua Corte outros problemas se levantam.

11. 12. AGO | SEX. SÁB

TEMPOS DE MUDANÇA

Castelo [exterior] · 22:00

As fomes e a peste negra assolam o reino com terríveis consequências para o mundo medieval.

É tempo de criar uma nova ordem.

MOMENTOS DA VIDA D'EL REI

03. AGO | QUI | 16:00

CONFLITO ENTRE IRMÃOS

D. Afonso IV acusa seus meios irmãos de

conluio e traição contra el-rei.

Praça do Convento › Albergue do Cavaleiro

04. 09. AGO | SEX. QUA | 16:00

DE VISITA À TERCENA

El-rei faz um reconhecimento aos trabalhos em curso na Tercena. Prepara-se uma grande expedição a ilhas atlânticas, por águas nunca antes navegadas.

Praça do Convento › Tercena Naval

05. AGO | SÁB | 16:00

CONSELHO DE GUERRA

A guerra contra Castela está eminente.

Urge delinear estratégias de ataque.

Praça do Convento › Praça Nova
[Estalagem Cavalinho]

07. 11. AGO | SEG. SEX | 16:00

QUEZÍLIA

De passagem, alguns castelhanos insubordinam-se contra el-rei D. Afonso IV.

Praça do Convento › Praça das Tabernas

08. AGO | TER | 16:00

CONSELHO DAS ORDENS

El-rei D. Afonso pede conselho acerca do casamento do Infante D. Pedro com D.

Constança Manuel.

Praça do Convento › Praça das Tabernas

10. AGO | QUI | 16:00

EMBAIXADORES DA SANTA SÉ

O papa concede bula de cruzada a D.

Afonso IV pela sua participação na batalha do Salado.

Praça do Convento › Praça Nova
[Estalagem Cavalinho]

12. AGO | SÁB | 16:00

ACORDO DE PAZ

Após a guerra civil entre el-rei D. Afonso e seu filho, é firmado um acordo de paz.

Praça do Convento › Praça Nova
[Estalagem Cavalinho]

› Mesas pedagógicas [Armeiro, Malheiro | Boticário | Físico | Escriba | Iluminista]
15:00 › 20:30 [última entrada 20:00]

Espetáculo

› Sons na Capela

Capela do Castelo · consultar programa no local

Récitas de música medieval.

ÁREA [CASTELO]

CASTELO D'AFONSO

El-rei D. Afonso, senhor do Castelo de Santa Maria, promove o reforço das Ordens Militares no seu território.

Atividades

- › Chegada das Ordens ao Castelo
- › Treino dos aprendizes no pátio de armas
- › Serviço militar

CASTELO DOS TORMENTOS

Certos lugares têm a faculdade de reviver o mundo dos mistérios e da magia...

dias 2, 3, 4, 7, 10, 13

22:15 | 22:45 | 23:15 | 23:45 | 00:15 | 00:45

dias 5, 6, 8, 9, 11, 12

23:00 | 23:30 | 00:00 | 00:30 | 01:00



ARRAIAL DAS ORDENS

Acampamento onde se realizam treinos militares e provas de destreza física.

15:00 > 21:00

SUBIDA ÀS AMEIAS

Os homens de armas preparam-se para a guerra praticando exercício físico e treino militar.

15:00 > 20:30 [última entrada 20:00]

PEQUENOS ARTISTAS

15:00 > 20:30

Atividades

- > Oficinas de expressão plástica
- > Exposição Tátil "Arte Medieval"

SENTIR DO GUERREIRO

Para venceses o Futuro, terás de Combater o presente aprendendo com o passado.

15:00 > 20:30 [último grupo às 20:00]

Atividades

- > Rede de obstáculos | Equilíbrio dos fortes | Gruta dos segredos | Trabuco | Construção de muralha | Triângulos da vida

BANHOS DE S. JORGE

Desde remotos tempos que as águas minerais naturais, consideradas milagrosas e divinas, se aplicam na cura de diversas maleitas.

15:00 > 00:00 [última entrada 23:30]

dia 13 [última entrada 22:30]

Espetáculo

- > Musas Encantadas [Bailado]
- 20:45 > 23:45 [30' em 30']
- dia 13 [última entrada 22:30]
- 'Banhos S. Jorge'.

ÁREA [CONVENTO]

PEQUENOS GUERREIROS

Espaço para famílias com crianças.

15:00 > 23:00

até 10 anos

Atividades

- > Treino do Guerreiro: jogos medievais e de destreza física [Circuito de pontes | Arborismo]

15:00 > 23:00

- > Manuscrito: banda desenhada [limitado ao stock existente]

15:00 > 23:00

- > Arrebique: pinturas faciais

15:00 > 21:00

- > Manualidades

15:00 > 19:30

- > Retrato Real: momento fotográfico

15:00 > 20:00

Espetáculo

- > Festim Real: atuações em palco

21:00 > 22:30

CONVENTO

Atividades

- > Scriptorium

15:00 > 20:00

- > Exposição temporária 'Maria: Culto e Devoção – Títulos de Fé na Arte'

semana 15:00 > 24:00 fim de semana 14:00 >

24:00 dia 13 última entrada 22:30

Espetáculo

- > Sons nos Claustros

Claustro do Convento dos Lóios · consultar programa no local

Récitas de música medieval.

ÁREA [TERREIRO]

15:00 > 23:00

POVOADO

Centro de uma comunidade medieval que se instalou nas margens do Rio Cáster...

15:00 > 23:00

Frei Lúpulo e os homens bons desta terra convidam todos os que por aqui passam a regalarem-se com o Repasto do povoado...

TERCENA NAVAL

Espaço de construção de embarcações, onde os mestres discutem o melhor a fazer para a arte de marear.

15:00 > 22:30

TERREIRO DAS GUIMBRAS

15:00 > 01:00

acesso condicionado a partir das 18:00

Espectáculos

> Formosíssima Maria

18:00

A formosíssima Maria, como mais tarde lhe chamou Luís de Camões, rainha de Castela, vem a Portugal pedir o apoio de seu pai D. Afonso IV.

> Pedro e Inês

21:30

A trágica paixão de Pedro e Inês foi e é uma das mais belas histórias de amor de sempre, que continua a comover pela sua força, intemporalidade e sentimentos envolvidos.

> Aliança Hispânica

23:30

Apesar dos graves conflitos entre Portugal e Castela, Afonso XI pede ajuda a seu sogro, D. Afonso IV de Portugal, tal como a todos os reis da Península Ibérica, para o apoiar no combate contra os sarracenos.

ARQUEIROS DE D. AFONSO

Espaço destinado à prática de tiro com arco.

TREINO DOS ESCUDEIROS

Espaço de jogos juvenis em circuito fechado.

Atividades

Tiro c/ Lanças | Corrida de Sacos | Tiro c/ Catapultas | Luta de Gladiadores | Lançamento da Ferradura | Corridas c/ Barrote de Madeira | Corrida c/ Pés Grandes | Equilibrismo | Pontaria com Fiska | Equilíbrio em traves de madeira | Pêndulo

15:00 > 24:00

m/10 · famílias

TRUPE DOS BUFARINHEIROS

Uma trupe de saltimbancos monta arraiais à sombra das árvores junto ao rio. Instalam as carroças e carretas, abrem os toldos e armam os panais...

15:00 | 23:00

Atividade

> Treino de Truões e Bufões

17:30 | 21:00

Espectáculos

> Os amores ocultos de D. Afonso IV

15:00 | 19:30

> Le Fabliaux | Contos Eróticos Medievais

22:00

GRANJA DOS ANIMAIS

Espaço de cariz pedagógico onde coabitam animais domésticos e de caça.

15:00 > 21:00

ALBERGUE DO CAVALEIRO

Recriação e vivências numa estalagem à beira do caminho.

15:00 > 00:00 · gratuito

Espetáculo

› O baú

15:30 | 16:30

Naquele poiso onde, durante o dia, os fedelhos brincam e, à noite, os mais velhos curam as mágoas da vida entre vinho e mulheres, eis que se descobre um baú misterioso...

ÁREA [GUIMBRAS]

O BOSQUE DA MOURA ENCANTADA

Algures na floresta escondem-se três grandes potes: um cheio de ouro, outro cheio de azeite, e outro cheio de...pestel!!

15:30 | 16:30 | 17:30 | 18:30

ARRAIAL MILITAR

Espaço com características militares, provido de mesas pedagógicas, onde se encontram expostos diversos materiais utilizados pelos cavaleiros em tempo de guerra.

15:00 › 21:00

ESTREBARIA

15:00 › 21:00

CETRARIA

15:00 › 21:00

ERA UMA VEZ...D. AFONSO IV

Aqui se conta a história de D. Afonso IV, o Bravo! A história do rei e do seu reinado...

15h00 | 16h00 | 17h00 | 19h00

ÁREA [FEIRA]

LAGO DOS FEITIÇOS

Artes da magia e da adivinhação.

12:00 › 01:00



FEIRA FRANCA

12:00 > 01:00

Espetáculos

> Grito dos Tambores

20:00 [Praça do Anfiteatro]

O ritmo dos tambores invade a praça, onde o povo vive cada dia como se fosse o último.

> Luzia... Feia, velha e sandia

21:15 [Praça da Câmara]

Quando a Natureza distribuía graça e formosura esqueceu-se de Luzia. Mas, já serôdia, sonha ainda que um certo Garcia, que a não procura de dia, lhe faça trovas... E não é que faz?!...

> Festim

23:00 [Praça do Anfiteatro]

Em momentos de dor, a luz da esperança é o paliativo para o povo em sofrimento, que

tenta não se desvanecer. Como diz o povo, e com razão, quem canta seus males espanta e quem dança é mais feliz.

ANIMAÇÃO CIRCULANTE

Acrobatas, malabaristas e músicos deambulam e animam feiras e lugares com as suas exposições

> 1 500 Performances

> 6 Praças de Animação

Praça do Anfiteatro | Praça da Câmara | Praça da Igreja | Praça do Convento | Praça Nova | Praça da Taberna
dom. > quin. - 15:00 > 01:00
sex. e sáb. - 12:00 > 01:00

DANÇA

Arabesk

D'Way

Florinhas de Rio Meão



Malmequeres de Lourosa
MD5
Rancho Etnográfico de Rio Meão
Volarius
Voltado a Poente

MÚSICA

A Rua'da, A Rua'da Junior
Adufeiras 'Florinhas de Rio Meão'
Alvorada
Cantigas de Santa Maria
Cirac
Grito dos Tambores
Jabardeus
Juv a Percutir
Mediaevus Chorus
Monges
Origo Ensemble
Quarteto Vocal Gaudium Vocis
Rufus e Circus
S. Tiago a Rufar
Saltério
Sempr'a Bombar
Sons da Suévia
Strella do Dia
Tambores de Santa Maria
Trabucos
Tuna Musical Mozelense
Vox Cantabile

TEATRO

Associação Ethos, Pathos, Logos
Centro de Cultura e Recreio Orfeão da Feira
GDC Mozelos
Marionetas da Feira
Marionetas de Mandrágora
Teatramos
Teatro em Caixa
Tosta Mista o Malabarista
Vivarte

OUTROS

Clara Oliveira e Inês Severino
DAO
Personagens Históricas
Saltarellus
Saltimbancos de Santa Maria
Team Braga
Virgínia Millefiori

ENTIDADES PARTICIPANTES

SANTA MARIA DA FEIRA

- › Alvorada
- › Associação Cultural e Artística da Lourocoop [grupo de teatro Raízes, grupo de teatro Sementinhas]
- › Associação Cultural e Desportiva da Lavandeira
- › Associação Cultural Recreativa e Desportiva Escapães
- › Associação Grupo de Danças e Cantares Regionais da Feira
- › Associação Grupo Folclórico As Lavradeiras de S. J. Ver
- › Associação Juventude Inquieta
- › Associação Juventude de Fiães
- › Associação Ofícios com História
- › Associação Pelo Prazer de Viver, Saúde, Cultura e Vida
- › Cavaleiros de Santa Maria
- › Centro Cultural Recreativo Malmequeres de Lourosa
- › Centro de Cultura e Recreio do Orfeão da Feira
- › Círculo de Recreio Arte e Cultura de Paços de Brandão
- › Clube Académico da Feira
- › Clube Desportivo Feirense
- › Clube Desportivo Fiães

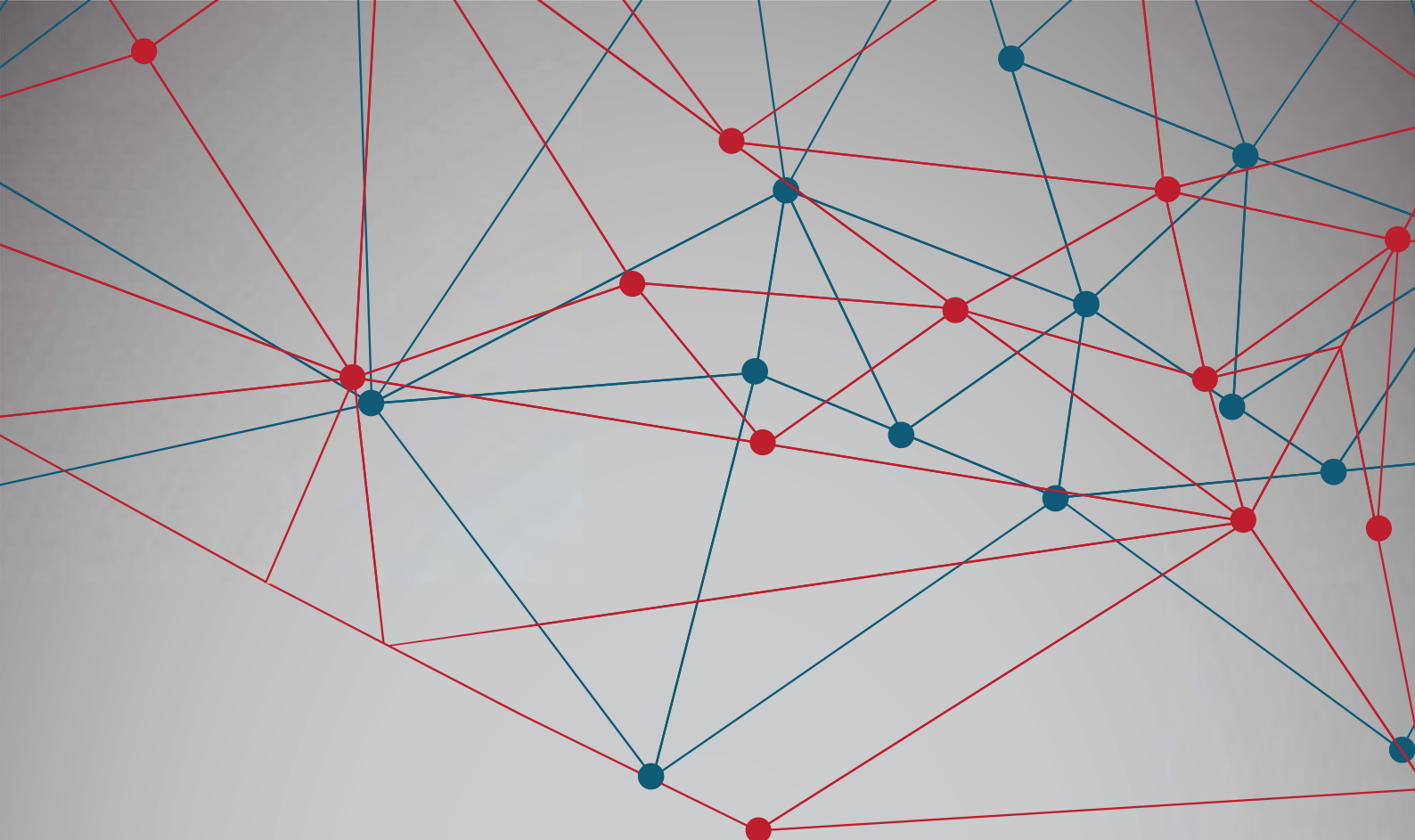
- › DAO Associação Cultural e Desportiva
- › Décadas de Sonho
- › D'Way
- › FapFeira – Federação de Associações de Pais e Encarregados de Educação do Concelho de Santa Maria da Feira
- › Fazenda dos Animais
- › Fórum Ambiente e Cidadania [A Rua'Da, A Rua'Da Júnior, Espadas de Santo André, Os Monges, Saltarellus, Teatramos]
- › Grupo Dinamização Cultural de Mozelos
- › Grupo Cultural e Recreativo Andorinhas de Espargo
- › Grupo Cultural e Recreativo Brisa Dourada
- › Grupo Danças e Cantares Margens do Rio Uíma
- › Grupo de Tambores de Santa Maria
- › Grupo Desportivo Milheiroense
- › Grupo Dinamização Cultural de Mozelos
- › Grupo Gólgota
- › Juventude de Sanguedo
- › Lamas Futsal
- › Lamas Movediças Associação Cultural, Recreativa e Desportiva
- › Marionetas da Feira
- › MD5
- › Mediaevus Chorus - Coral Polifónico da Cruz
- › Mosteirô Futebol Clube
- › Museu Convento dos Lóios
- › Museu de Santa Maria de Lamas
- › Museu do Papel Terras de Santa Maria
- › Paróquia de S. Nicolau da Feira
- › PontoPro Associação Cultural
- › Provedoria Municipal para o Cidadão com Deficiência
- › Rancho Etnográfico de Rio Meão

- › Rancho Folclórico 'As Florinhas das Caldas de S. Jorge'
- › Rancho Folclórico Recreativo Cultural 'As Florinhas de Rio Meão'
- › Rancho Folclórico S. Tiago Lobão
- › Rancho Folclórico Sta. Eulália Sanguedo
- › Rufus e Circus - Casa dos Choupous
- › Saltério
- › Teatro em Caixa
- › Tuna Musical Mozelense
- › Volarius
- › Voltado a Poente - Associação Cultural

PORTUGAL ESPANHA

- › Arabesk Danças Orientais
- › Associação Espada Lusitana
- › Associação Ethos, Pathos, Logos
- › Bosque Atlântico, Cetraria e Gestão Cinegética
- › Jabardeus
- › Marionetas de Mandrágora
- › Origo Ensemble
- › Os Trabucos
- › Quarteto Vocal Guadium Vocis
- › Sons da Suévia
- › Strella do Dia
- › Team Braga
- › Tosta Mista o Malabarista
- › Vivarte
- › Vox Cantabile





MC

MINISTÉRIO DA CULTURA



santa maria da feira câmara municipal

Sede da Redação

Rua S. Paulo da Cruz, 12 r/c
4520-249 Santa Maria da Feira
NIF 503 221783

Inscrito na ERC nº1252307

Tel 256 373 235

Fax 256 373 244

E-mail culturaerecreio@gmail.com

Diretor Joaquim Tavares

Coordenação Prof. Vital dos Santos

Equipa de Redação

Prof.ª Maria Albina Almeida

Fábio Pinto

Vitor Hugo Santos

António Pinto

Vera Jesus

Design Alexandre Oliveira

Impressão Gráfica Monumento

Rua do Areal, 780

4520-605 S. João de Vêr

Tiragem 250 exemplares

Periodicidade Anual